

# MÍDIA EDUCATIVA, CORPO E A CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES DE PROFESSORES

Carmen Brunelli de Moura

Universidade Potiguar

**Resumo:** Este artigo descreve a constituição das subjetividades de professores nos discursos da Revista Nova Escola a partir das verdades produzidas por *experts* acerca do corpo. Os resultados apontam que a mídia educativa investe em jogos de verdade acerca do corpo para orientar o professor ao governo de si mesmo.

**Palavras-Chave:** Mídia, Subjetivação, Corpo, Professor.

**Resumen:** *Media educación, cuerpo y formación de la subjetividad del maestros.* En este artículo se describe la formación de la subjetividad del maestros en los discursos de la revista Nova Escola de las verdades, realizados por expertos sobre el cuerpo. Los resultados muestran que los medios educativos invierte en juegos de verdad sobre el cuerpo de la guía del maestro a la gobierno de sí mismo.

**Palabras Clave:** Medio, Subjetivación, Cuerpo, Maestro.

## Notas Iniciais

De fato lhes faltava algo que devia vir de fora, uma verdadeira instituição de cultura que pudesse lhes fornecer os objetivos, os mestres, os métodos, os modelos [...]  
Friedrich Nietzsche

As palavras de Nietzsche em epígrafe compõem sua quinta conferência intitulada *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino* e seu emprego na abertura desse trabalho se dá em vista de haver um campo de regularidades enunciativas que, embora aconteça em campos de saberes distintos, deixa rastros de discursos de transformação propostos ao ensino alemão e, por que não dizer, uma reatualização que se faz presente nas reformas educacionais brasileiras a partir dos anos 90 no âmbito dos processos de desenvolvimento profissional de professores no Brasil. A ideia dessas reformas de compor um amplo espaço de formação de professores para implementar ações de melhoria na

qualidade do ensino levou o Estado neoliberal a rever seu papel de controlador e disciplinador para o daquele que “divide” tarefas com outras instâncias de governamento.

O controle, portanto, que estava presente na década de 90 começa a se “dissipar” e a mídia educativa<sup>1</sup> passa a se constituir em uma dessas instâncias de governo e seus discursos a evidenciar efeitos de renovação, novas experiências, intersubjetividade, atualização contínua para os professores. Na contemporaneidade não é mais aceitável tomar apenas os discursos oficiais e segui-los. É imperativo compreender que o Estado já não é mais nenhum ancoradouro para subjetividades inseguras e, por isso, é preciso procurar outros portos em que o desenvolvimento profissional se faça de

---

<sup>1</sup> Estou utilizando a expressão *mídia educativa* para referir-me apenas aos artefatos culturais voltados para o campo educacional.

forma contínua e de forma articulada com a formação inicial.

A mídia educativa se apresenta em meio às inúmeras transformações pelas quais a sociedade se vê envolvida e em uma época na qual a “ordem do discurso” não só é disciplinar, normalizar, interditar, mas também intensificar a relação que o sujeito tem consigo mesmo. A mídia se tornou uma força educacional e, talvez, a principal instância de formação alternativa, compreendida não apenas como um lugar em que se produzem discursos profissionalizantes com a intenção de formar, instruir, corrigir um indivíduo “imperfeito” que ignora certos saberes, mas também um lugar cujos discursos abrem espaço para outros modos de subjetivação. Modos que equipam o sujeito com um campo de saberes discursivos que perpassa não apenas sua formação e o governo do outro, mas também opera um deslocamento no sentido de transformar as subjetividades do professor em direção ao governo de si.

Nas práticas de governo de si, o controle se faz a partir de si mesmo, ou seja, é uma relação ética, sem referência à obrigação, coerção, dominação. Essas práticas fazem parte de um processo contínuo de constituição das subjetividades em que os sujeitos devem ser vistos como agentes autodeterminantes que têm capacidade para desafiar e resistir a certos **jogos de verdade** (FOUCAULT, 2004b) ou ainda de mudar alguma regra e, eventualmente, todo o jogo. É nesses *jogos* que se abrem possibilidades não apenas de o professor modificar a si mesmo quanto de modificar seu campo de experiência a partir de **tecnologias do eu** (FOUCAULT, 1990), que permitem a realização de certas transformações no corpo, na alma ou sobre o pensamento.

É sobre as transformações em relação ao corpo que a mídia educativa passa a investir. A mídia passa, então, a se constituir em uma expertise que produz discursos de verdade sobre a saúde do corpo e os coloca à disposição do professor para que este seja um *expert* e cuide de seu corpo. Mas, como a mídia produz esses discursos de saúde e os disponibiliza ao professorado para a sua formação pessoal e profissional? Além disso,

a mídia institui ou convoca inúmeros experts em “condução da conduta”, cujo objetivo é ampliar as práticas de desenvolvimento profissional dos professores ao constituírem-se como autoridades sociais que alegam ter conhecimento de verdades especializadas em relação à saúde do corpo. Quem são, então, os *experts* que legitimam os discursos de cuidados com o corpo? Quais as tecnologias utilizadas por eles? É preciso que o professor aprenda a conhecer-se e a tomar uma **atitude de modernidade** (FOUCAULT, 1994), caracterizada como outra maneira de pensar, de agir, de sentir e de se conduzir eticamente. Logo, é possível evidenciar entre esses discursos um processo que conduza o professor a uma relação ética?

Para compreender como se constituem os cuidados com o corpo do professor e problematizar certas modificações nas subjetividades quanto ao trabalho que o professor deve realizar sobre si mesmo, precisei servir-me de um fio condutor. Gostaria, então, de descrever a constituição das subjetividades de professores nos discursos da Revista Nova Escola a partir das verdades produzidas acerca do corpo por *experts* instituídos ou convocados pelo periódico. Neste estudo procuro mostrar o quanto os discursos da mídia educativa, especificamente, os de Nova Escola, orientam, propõem, definem, sugerem **tecnologias do eu** para a transformação das subjetividades do professor em direção ao século XXI e essa discursividade passa a ampliar a experiência na qual a relação consigo toma a forma de um domínio de si mesmo.

Para isso, utilizei-me dos discursos de Nova Escola, especificamente, de um texto “prático” que estabelece regras, apresenta conselhos e exemplos, publicado na edição de junho/julho de 2004. A escolha da Revista baseou-se nos seguintes critérios: regularidade de publicação, acesso ao professor em vista de sua tiragem e abrangência em todo o território nacional, acesso via banca de revistas e assinatura. O critério de escolha deste artigo deu-se pelo fato de envolver uma discursividade voltada para as questões da saúde do corpo do professor que não têm espaço nos programas

oficiais de formação do professorado. Conduzo este estudo a partir da perspectiva interpretativista discursiva e de teorizações foucaultianas (FOUCAULT, 1990, 2002; 2004a, 2004b), que são úteis para a compreensão das práticas sociais e dos processos de subjetivação do professor nos discursos da Revista Nova Escola.

### **Mídia Educativa: uma *Expertise* da Subjetividade**

A mídia educativa brasileira tem um modo particular de produzir discursos e exemplaridades para governar a conduta do professor em direção ao governo de si. Esse modo implica em práticas éticas nas quais alguns sujeitos são convidados ou tomam para si a tarefa de acolher o outro, de enunciar verdades ao outro, de propor novas e criativas situações que ajudam o outro a tomar certas decisões diante da multiplicidade de oportunidades que se apresentam na contemporaneidade. Os discursos exemplares da mídia são produzidos por *experts*, provenientes de distintos campos de saber e realidades diferentes. Mas, como esses discursos interagem na constituição das subjetividades do professor e nos cuidados com o seu corpo? Essa questão me provoca a pensar os discursos, a realidade, a linguagem, sua relação, necessários à compreensão de que a linguagem não reflete uma realidade que preexiste a ela, mas, por meio da linguagem, é possível criar realidades no emaranhado de práticas discursivas. Por isso, não há uma verdade, mas verdades que se encontram em um jogo de múltiplos efeitos e um dos caminhos é tentar perseguir uma dessas verdades para ver onde vai dar. Assim, para problematizar a mídia e seus discursos, é preciso compreendê-la

[...] como um processo, como uma coisa em curso e uma coisa feita, e uma coisa em curso e feita em todos os níveis, onde quer que as pessoas se congreguem no espaço real ou virtual, onde se comunicam onde procuram persuadir, informar, entreter, educar, onde procuram de múltiplas maneiras e com graus de sucesso variáveis, se conectar umas com as outras. (SILVERSTONE, 2002, 16-17).

Essa processualidade presente na mídia e reivindicada por Silverstone implica o reconhecimento de que os discursos midiáticos não operam apenas como subjugadores dos sujeitos, como prática coercitiva que reprime, domina, assujeita, determina uma maneira de ser e de se relacionar com a realidade. Ao contrário, os discursos midiáticos atuam como uma **prática de liberdade** (FOUCAULT, 2004c) perpassada por **tecnologias do eu** para a produção de transformações nas subjetividades e nas formas como essas subjetividades constituem efeitos e se posicionam nas práticas sociais. O outro, nessas relações, não é mais aquele que impõe suas verdades, mas aquele que negocia, que propõe atitudes que implicam em escolhas, **opção voluntária**. O outro amplia as relações do sujeito consigo mesmo, diversifica os espaços de liberdade e efetiva a ideia de um trabalho do sujeito sobre si mesmo.

Nóvoa (1997) enfatiza a relevância desses espaços, uma vez que neles se dá a construção de uma história da educação em vista de seus documentos tornarem possível a leitura e descrição de fatos e acontecimentos que outras geografias não autorizariam sua explanação. É a **imprensa educacional**, como denomina Nóvoa (1997), revelando "as múltiplas facetas dos processos educativos numa perspectiva interna ao sistema de ensino (cursos, programas, currículos etc.)" (NÓVOA, 1997, p.13). Além disso, as revistas, periódicos, jornais desempenham uma função importante para estudos, por se constituírem em fonte documental e propiciarem a compreensão dos discursos da política educacional para além de sua hegemonia.

Em termos foucaultianos, penso que atualmente a mídia propicia muito mais do que isso. Os discursos midiáticos instituem uma **atitude de modernidade** que compreende os processos de subjetivação, situados na relação entre instituições midiáticas, ética e política. A **atitude** implica um modo de o sujeito se relacionar com a atualidade, uma experiência que possibilita ir além do lugar onde se encontra, ultrapassar limites, embora não seja nada definitivo, mas um eterno **dever**. A **atitude** sugere, então,

**práticas de liberdade** que passam a fazer parte da produção das subjetividades e que se traduzem em um corte com a concepção de poder negativo. Agora, os discursos da mídia educativa se constituem como **práticas de liberdade** que buscam promover autonomia, liberdade, novas subjetividades nos professores a partir de formas diferenciadas de processos de subjetivação. Esses processos, no interior do neoliberalismo, produzem subjetividades que precisam enfrentar o trabalho de conduzir a si mesmo. Além disso, sugerem uma educação permanente e, conseqüentemente, mudanças nos professores e em suas práticas.

É na mídia educativa que as **práticas alternativas de desenvolvimento profissional**<sup>2</sup> passam a ter visibilidade e dizibilidade. Isso se dá em razão dos deslocamentos dos agentes tradicionais – família e escola, para outros agentes educativos. A mídia atua, então, como uma educação vitalícia, na qual os *experts* oferecem, entre a profusão de alternativas apresentadas ao professor, discursos de verdade voltados para a pessoa do professor, principalmente, com os cuidados com o corpo. Esses discursos implicam em um conjunto de práticas, hábitos, orientações, ações a serem seguidas e tornam-se relevantes para a direção da vida, uma vez que as dúvidas, as incertezas, os riscos são cada vez mais acentuados na contemporaneidade. É uma **teoria da personalidade** que implica, também, em um conjunto de exercícios que preenchem necessidades utilitárias e constituem subjetividades.

A escolha pela Revista Nova Escola deuse, em parte, por este artefato cultural apresentar, em seu funcionamento discursivo, modos de conduzir as ações do professor com uma sutileza de governmentação presente nos enunciados que são recorrentes em muitas edições. Os discursos da Revista **orientam caminhos para [...] ensinar melhor**<sup>3</sup> e para que o professor seja **um mestre da reflexão**

<sup>2</sup> Estou denominando de alternativas as práticas que funcionam na interface com os discursos oficiais e são constituídas por um hibridismo do discurso oficial e daqueles propostos por outras instâncias de governmentação.

<sup>3</sup> NE, maio/2001, p. 22.

além de evidenciarem efeitos da tão propalada autonomia requerida para o século XXI. Os discursos do periódico seguem conforme os ventos sopram, ora mais fortes ora mais fracos, mas sempre sopram, tentando servir de guia aos docentes em meio à profusão de escolhas e de riscos que precisam correr se fizerem a escolha do estilo de vida menos acertada. São múltiplas **tecnologias do eu** que vão servir para orientar os exercícios e as práticas do professor em direção ao governo de si mesmo.

### Corpo e Tecnologias Subjetivantes

A atenção ao corpo é uma prática cultivada desde a Grécia Antiga no interior das academias entre filósofos e discípulos e ocupava um lugar importante em meio aos discursos de verdade que deveriam ser reconhecidos pelo sujeito como indispensáveis a sua formação. A literatura produzida se voltava para um regime de saúde destinado a assegurar a autonomia dos sujeitos. A preocupação com a apropriação de discursos médicos era constante, pois com eles os sujeitos se equipavam de um “discurso prestimoso” que ditava o “bom regime da vida” (FOUCAULT, 2002).

Com o passar do tempo, o corpo vai implicar outras inquietações por parte dos *experts* como a correção corporal no século XVII ou a restrição do toque ao corpo apenas nas práticas de ritualização como na Idade Média. Na contemporaneidade, são outras geografias da verdade e outros conselheiros, outros *experts*, cuja tarefa é a de cuidar do corpo. O professor passa a fazer parte destas práticas, pois atualmente se torna imprescindível os cuidados com o corpo, uma vez que ele se torna o termômetro de muitos problemas que devem ser superados para o enfrentamento das adversidades que se apresentam no cotidiano.

Em vista dessa cultura do corpo que atravessa os discursos relacionados à saúde e, ao perceber que as políticas públicas de formação continuada são excessivamente teóricas, pouco flexíveis, sem impactos na escola e na pessoa do professor, a mídia educativa passou a autorizar alguns *experts* para falar ao professor. Eles têm como

objetivo legitimar seus discursos de verdade em uma diversidade de práticas sociais perpassadas por tecnologias que propõem cuidados com o corpo e com a saúde do professor. Essas tecnologias não se constituem apenas em técnicas de dominação, mas também em **tecnologias do eu** instituídas em meio a **práticas de liberdade** em que o outro é um intermediário na autoconstituição do professor. Para que essas tecnologias façam efeito na vida do professor, é preciso que ele entre no jogo e reconheça nos discursos de verdade propostos pelos *experts* aqueles discursos que são necessários para a condução do seu corpo e de sua autonomia e como são propostos e quais os efeitos de sentido.

Nessas tecnologias autossujetivantes, o controle se faz a partir de si mesmo, ou seja, é uma relação ética, sem referência à obrigação, coerção, dominação. Essas tecnologias fazem parte de um processo contínuo de constituição das subjetividades em que os sujeitos devem ser vistos como agentes autodeterminantes que têm capacidade para desafiar e resistir a certos jogos de verdade ou ainda de mudar alguma regra e, eventualmente, todo o jogo. Os discursos acerca das preocupações com o corpo estão entre esses jogos de verdade que permeiam as relações sociais e adquirem uma grande relevância na mídia educativa. Por isso, um feixe de relações sociais, constituído de inúmeros *experts* em conduta da conduta que têm como consenso melhorar a qualidade do desenvolvimento profissional dos professores, se faz necessário, uma vez que é nas relações com o outro que se constitui a si mesmo. Essa é a tarefa dos *experts* e que a mídia educativa sabe utilizar de forma exemplar.

Em vista disso, há uma nova relação entre governo, *experts* e processos de subjetivação, pois nesse novo jogo de verdades surge o princípio da autonomia, da liberdade individual que não é apenas do professor, mas também de toda a sociedade. É nessa nova prática de governo que a mídia educativa reúne uma heterogeneidade de profissionais para legitimar seus discursos de verdade em uma diversidade de práticas sociais perpassadas por tecnologias autossujetivantes de cuidados com o corpo e

que devem ser ensinadas ao professor e apreendidas por ele. Bauman (2007) confirma essa legitimidade dos discursos midiáticos quando inicia uma das seções de sua obra *Vida Líquida* trazendo as palavras do apresentador Alistair Cooke. Cooke dizia que a lista de livros mais vendidos nos Estados Unidos mudava toda a semana, mas as obras sobre culinária e cuidados com o corpo, como as dietas, estavam sempre entre os mais vendidos.

No Brasil, a mídia, em especial a imprensa, já descobriu esse filão há muito tempo e, por isso, uma discursividade acerca dos cuidados com o corpo se faz notar entre as revistas, principalmente, aquelas que se voltam para o segmento feminino. São inúmeras publicações – *Boa Forma, Saúde, Dietas já, Corpo a corpo*, só para citar algumas, que se constituem em uma expertise, operando de acordo com um código ético para **além do bem e do mal** e organizando uma filiação de sentidos acerca da constituição das subjetividades. Este é caso da revista *Dietas já* que tem uma seção denominada *Especialistas*. Para compor a seção, são convidadas várias pessoas que assumem posições de subjetividade como endocrinologistas, ortopedistas, nutricionistas, gastroenterologistas, cirurgiões, fitoterapeutas, dermatologistas, fisioterapeutas, psicólogos, médicos em geral, professores de educação física, jornalistas, artistas de TV. Elas validam os discursos de emagrecimento saudável e definitivo proposto pelo periódico assim como pelos discursos de boa saúde do Estado.

Mas, esse cuidado que a mídia em geral tem com este público leitor pode ser observado nas práticas de desenvolvimento profissional do professor, articuladas pela mídia educativa? Se há uma discursividade acerca da preocupação com o corpo na mídia, como os discursos de verdade dos *experts* afetam os professores, modificando seu modo de ser e de cuidar de si e de seu corpo? Em vista dos processos de desenvolvimento profissional oficiais negligenciarem a exemplaridade, como os discursos dos *experts* passam a servir de guia para uma maior autonomia e liberdade do professor na Revista? Estas são algumas das questões para

a compreensão dos processos de subjetivação do professor nos discursos de Nova Escola que passo a descrever.

### Processos de Subjetivação

A Revista produz em suas práticas discursivas um estilo de ser professor ao falar de **educador para educador, lembrar a importância da profissão, ao mesclar teoria e prática** e tudo isso com o **aval de consultores altamente gabaritados**<sup>4</sup>. Para acompanhar a evolução do pensamento educacional e mostrar que **estamos [a revista] no caminho certo**, a revista vem produzindo discursos de verdade cujos efeitos apontam para o atendimento das necessidades do professor. Com suas verdades, a Revista se propõe a colocar em prática um processo de desenvolvimento profissional que vai além dos cursos voltados apenas para as deficiências do professor acerca de saberes relacionados aos conteúdos de sala de aula.

Nos efeitos da materialidade discursiva da Revista, é possível recuperar vestígios de que é preciso investir não apenas no profissional, mas também na pessoa do professor. Nessas marcas discursivas destaco efeitos de um relacionamento entre essas duas dimensões que permitem ao próprio professor decidir sobre sua formação e quais os aspectos a serem desenvolvidos. Por isso, compete à Nova Escola, a partir dos discursos de seus *experts*, divulgar verdades e mostrar ao professor outra forma de fazer, de ser, de ensinar, de se comportar e de ter um corpo saudável, próprio daquele professor proposto pela governamentalidade neoliberal - o professor do século XXI - aquele que se autorregula, segundo **práticas de liberdade** encontradas em “certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições” (FOUCAULT, 2004b, p. 269).

Há uma **explosão discursiva** em 2001 a respeito dos cuidados com o corpo, que são utilizados para compor o processo de desenvolvimento profissional dos professores.

Na edição de março de 2001, Nova Escola passa a produzir uma discursividade acerca dos cuidados que o professor deve ter em relação ao seu maior instrumento de trabalho: a voz, presente em uma reportagem intitulada **Fale alto e bom tom**, na edição de março de 2001. Após essa publicação, no mês subsequente, abril de 2001, a Revista Nova Escola traz outra matéria sobre os cuidados com o corpo do professor. A matéria tem como título: “Preste atenção aos gestos”. Neste mesmo ano, exatamente, em novembro de 2001, a Revista publica a matéria “Combata o estresse de fim de ano”, cujos discursos estão relacionados às atribuições pelas quais todo professor passa ao final do ano letivo: encerramento de conteúdo, provas, diários, recuperações, repetências. Nesse acontecimento discursivo, as subjetividades dos professores vão sendo constituídas por um conjunto de exercícios sugeridos ou propostos por um conjunto de *experts*.

Após essa explosão a respeito dos cuidados com o corpo, Nova Escola dá uma parada nessas *tecnologias do eu*, utilizadas para compor o processo de desenvolvimento profissional alternativo dos professores. Apenas na edição de junho/julho de 2004 Nova Escola vai retornar com a temática quando traz uma matéria intitulada “Como ficar livre das dores no corpo”. Esta matéria vem corroborar com práticas discursivas que constroem sentidos de que o corpo nunca funciona a contento, de que o sujeito deve sempre fazer algo em relação a sua saúde, e de que os *experts* do corpo se multiplicam e se tornam cada vez mais heterogêneos. Valendo-me de algumas marcas linguístico-discursivas recortadas deste texto prático, procuro evidenciar alguns efeitos que se relacionam a este acontecimento discursivo. A mídia atrela discursos de verdade acerca do corpo à constituição de novas subjetividades para o professor, como neste recorte, retirado da matéria:

Atire o primeiro giz aquele professor que nunca chegou em casa com uma dorzinha nas costas. Depois de dar muitas aulas, de ficar em frente ao computador digitando textos ou sentado, escrevendo, não são raras também as dores nos ombros, no pescoço, nos cotovelos e nos pulsos. Esse quadro pode parecer

<sup>4</sup> Todos os enunciados foram retirados da edição janeiro/fevereiro, 2003, p. 6, de Nova Escola, na seção *Caro professor*, assinada por Guiomar Namó de Mello, diretora executiva da Fundação Victor Civita, na época.

resultado do corre-corre diário, mas é bom tomar cuidado: assim como milhares de outros profissionais, você pode estar sujeito a desenvolver o Distúrbio Orteomuscular Relacionado ao Trabalho (Dort).

O jornalista Paulo Araujo é instituído pela Revista como um *expert* de um distúrbio que vem acometendo todos os professores, pois **atire o primeiro giz aquele professor que nunca chegou em casa com uma dorzinha nas costas**. Nesse enunciado vão se evidenciando efeitos de uma arte de governar o professor em relação aos cuidados com seu corpo. Esta arte é uma atividade prática que implica um engajamento do professor e a equipagem por parte deste de verdades produzidas nas relações sociais. As práticas discursivas do jornalista são atravessadas por um saber científico presente no discurso médico necessário para a compreensão desses cuidados pelos professores e para a aprendizagem sobre o que fazer para evitar a doença e assim, operar mudanças em si mesmo e em seu corpo.

Para isso, Paulo precisa se equipar de verdades de outros discursos e, então, toma emprestado do discurso médico expressões como DORT (Distúrbio Orteomuscular Relacionado ao Trabalho) e LER (Lesão por Esforço Repetitivo) a fim de transformar seu dizer sobre a doença mais familiar ao professor. Paulo revela sua posição de *expert* no discurso médico, embora não seja sua área de atuação, quando vai equipando o professor com um repertório acerca dos problemas causados pela doença como **tendões das mãos (tendinite), a região do pescoço (cervicalgia) e as articulações do ombro (bursite), da coluna (lombalgia) e dos cotovelos (epicondilite)**. Além disso, o jornalista apresenta os sintomas, **formigamento, diminuição da força física, limitação dos movimentos e inchaço**, e as causas do distúrbio, **postura incorreta, repetição exagerada de movimentos, sobrecarga física, horas excessivas de trabalho e até depressão** que se fazem presentes quando o professor tem esta doença.

Para legitimar seu discurso, Paulo constrói seus argumentos por meio da formação de outros enunciados que, como o discurso

médico, são aceitos como verdadeiros neste jogo enunciativo. São os já-ditos, o interdiscurso que tem relação com a memória discursiva, uma vez que permite ao enunciador recuperar dizeres que já foram enunciados, mas que continuam a produzir efeitos de sentido em outras enunciações. É, em vista disso, que Paulo convoca outros *experts*, cujas vozes passam a validar seu discurso. São as autoridades em um saber sobre o corpo que vão munir o professor de conhecimentos imprescindíveis aos cuidados com seu corpo e, conseqüentemente, sua autonomia. Para isso, é preciso que os discursos de verdade não apenas nomeiem a realidade, mas a constitua e aos sujeitos também. É preciso, então, vincular a verdade ao sujeito e, para isso, os outros *experts* vão se constituir como conselheiros do professor.

Então, ouvir e ler relatos de experiências de pessoas parecidas com o professor ou que viveram situações semelhantes com as dele é o melhor caminho para a aquisição desses discursos. Este é o caso de Marly Prada que ocupa a posição de professora e de *expert* no assunto. Ela enuncia que, devido à doença, já precisou **imobilizar o braço inteiro, depois o cotovelo e também um dos pulsos**. A professora confirma sua posição de *expert* em relação à doença e seu enunciado evidencia modificações no outro quando estes são levados a exercer sobre si mesmos um comportamento diferente em relação ao seu corpo. Seu discurso se constitui em verdade, pois ela não apenas conheceu a doença, mas viveu a doença e isso começou em sala de aula quando enuncia que, enquanto **escrevia no quadro-negro, perdia o controle físico sobre o braço e ele simplesmente ‘caía’**. Um dos efeitos de sua fala no texto deve-se ao fato de que a doença serviu como um exercício para que Marly aprendesse a cuidar de seu corpo e se transformasse. De uma subjetividade que dependia do conhecimento do outro a uma que se torna também uma *expert* destas verdades.

Como Marly faz isso? Com sua inserção em um campo de saberes médicos e pela equipagem de verdades como as de Salvador Vallera e Bernardino Ramazzi, ambos ocupando as posições de médico e *expert* do corpo, aconselhando o professor sobre a

diminuição da carga de trabalho, transporte de sacolas, aumento de exercícios físicos, ginástica laboral, terapias alternativas. Por meio de uma medicina de regime, os especialistas passam a equipar o professor de um saber médico que deverá ser utilizado em qualquer momento da vida como no caso de Marly que, apesar do tratamento, não se considera curada, mas passou a tomar mais cuidado com a postura. É uma diversidade de *experts* insistindo acerca da atenção que o professor deve dar ao seu corpo e a si mesmo. É a questão da vigilância a propósito das perturbações que acometem o corpo do professor, principalmente, em sala de aula.

Mas, só a entrada nesses jogos de verdades é suficiente para tirar o professor de seu estado de ignorância? Parece-me que não. É necessário mais e esse mais sugere uma arte do conhecimento que venha associada a “receitas precisas, com formas específicas de exame e exercícios codificados” (FOUCAULT, 2002, p. 63). E, é isso que a revista Nova Escola pretende ao final da matéria ao propor ao professor uma série de exercícios que vão intensificar a atenção consigo e com seu corpo. Essa é a tarefa da Revista cujo regime de dizibilidades vem constituindo as subjetividades do professor ao propor

[...] exercícios de alongamento [que] podem ser executados em casa ou na escola. [pois] Eles ajudam a evitar ou minimizar os efeitos do DORT. É importante fazer deles uma rotina. As sugestões abaixo devem ser repetidas no mínimo três vezes ao dia.

São essas práticas, esse regime de saúde, que o professor encontra espalhadas por toda a Revista e que o conduzem a voltar-se para o seu corpo, problematizando-o e tentando descobrir o que tem feito ou não até o momento com seu corpo. Como enunciava Plutarco: “Aqueles que querem salvar-se devem viver cuidando-se sem cessar”. Esse discurso de saúde do filósofo é reatualizado pela expertise da Revista quando equipa o professor de saberes e de um vocabulário que evidenciam maneiras diferentes de ocupar-se consigo e fazer valer a sua liberdade, o domínio de si.

## Notas Finais

Para pensar a respeito dos processos de constituição de subjetividades de professores na mídia educativa é preciso refletir sobre os jogos de verdade que fazem parte da autoconstituição do professor como sujeito. Nesses jogos há normas, exemplos, que devem ser seguidos, pois não há como cuidar de si mesmo e de seu corpo sem um número de regras de conduta, verdades e prescrições. Para cuidar de si e dos cuidados que devem ser dispensados ao corpo, é imperativo equipar-se de verdades, é preciso ouvir as lições de um mestre. É indispensável, também, ter um guia, um conselheiro, um amigo, um médico, ou seja, alguém que lhe diga a verdade. É nessa relação com a verdade que as **práticas de liberdade** passam a se fazer presentes. Estas práticas não devem ser compreendidas como independência de um livre arbítrio, mas como exercícios que se configuram a partir de “certo número de regras, estilos e convenções que se encontram no meio cultural” (FOUCAULT, 2004b, p.291).

Na tentativa de responder as questões iniciais, tomei a revista Nova Escola como um emaranhado de práticas que constitui um programa de desenvolvimento profissional autônomo e produz verdades acerca do corpo do professor para sua constituição subjetiva. Os discursos de verdade acerca dos cuidados com o corpo são materializados no periódico por um conjunto de enunciados que evidencia uma subjetividade que privilegia uma relação consigo e cuidados necessários ao governo de si. Esses enunciados são ratificados por uma rede de *experts* convocada ou que toma para si o direito de falar ao professor sobre o corpo. É nos jogos de verdade que se evidenciam subjetividades mais criativas, *experts* e com certa mobilidade para tentar descobrir modos diferentes de transformar algumas regras ou, às vezes, todo o jogo.

Portanto, em função de determinados fins como o de assumir uma **atitude de modernidade** e de promover novas formas de subjetividade, os *experts* em saúde de Nova Escola equipam o professor com seus discursos de verdade a fim de torná-lo um sujeito autônomo, responsável, que se



autogoverna ao exercer uma vigilância sobre si mesmo e seu corpo. Por isso, se faz cada vez mais presente nos processos de desenvolvimento profissional a proliferação de *experts* com seus regimes de verdade e cuja intenção é maximizar a qualidade de vida mediante um conjunto de exercícios e discursos que são colocados à disposição do professor, com o sentido de prepará-lo constantemente, como diz Foucault (2004a, p.588), “para esta vida que será tão-somente, e até o fim, uma vida de prova, de uma vida que será uma prova”.

### Referências

- BAUMAN, Z. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- FOUCAULT, Michel. *Tecnologías del yo*. In: \_\_\_\_\_. **Tecnologías del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990. p.45-94.
- \_\_\_\_\_. «*Qu'est-ce que les Lumières?*», *Magazine Littéraire*, nº 207, maio 1984, pp. 35-39. (Retirado do curso de 5 de Janeiro de 1983, no Collège de France). Traduzido a partir de FOUCAULT, Michel. *Dits et Écrits*. Paris: Gallimard, 1994, Vol. IV, pp. 679-688, por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <<http://filoesco.unb.br/foucault/iluminismo.pdf>>. Acesso em: 10 jan.2008.
- \_\_\_\_\_. Subjetividade e verdade – 1980-1981. In: **Resumo dos cursos do Collège de France**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p.107-115.
- \_\_\_\_\_. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004 a.
- \_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.
- \_\_\_\_\_. Estética da existência. In: \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos V**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.
- \_\_\_\_\_. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004c.
- NÓVOA, Antonio. A imprensa de educação e ensino. In: CATANI, Denice Bárbara; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Educação em revista: a imprensa periódica e a história da educação**. São Paulo: Escrituras, 1997. p. 11-3.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2002.

Recebido em: 06 de junho de 2011.

Aceito em: 22 de agosto de 2011.

Este trabalho faz parte de minha Tese de doutoramento, intitulada: *Práticas discursivas de regulamentação e liberdade no processo de desenvolvimento profissional: a constituição de subjetividades de professores na Revista Nova Escola*, desenvolvida na UFRN, com recursos da CAPES.